
DESAFIOS NOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO PERÍODO PÓS PANDEMIA

Maria Joana Ferreira¹

Ana Márcia Luna Monteiro²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar desafios e dificuldades vivenciados por professoras alfabetizadoras e seus estudantes durante o processo de alfabetização e letramento, na retomada do primeiro ano letivo após a pandemia da covid-19. Este trabalho encontra-se fundamentado, prioritariamente, nas reflexões de Magda Soares e Emília Ferreiro sobre alfabetização e letramento e as práticas de leitura e escrita. Os resultados das análises nos dizem que os desafios que enfrentam atualmente as professoras são, prioritariamente, de ordem pedagógica e social. Entre as quais destacam-se dificuldades relativas ao próprio processo de alfabetização, como pouco contato com a leitura e com o sistema de escrita alfabética (SEA).

Palavras- chave: alfabetização e letramento; aprendizagem; pós pandemia.

¹Concluinte de Pedagogia — Centro de Educação—UFPE. joannaferreira72@gmail.com

² Professor(a) do Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. anamarcialuna@hotmail.com

Apresentação

Sabe-se que o processo de escolarização da educação básica inclui a etapa de alfabetização e letramento, o qual as crianças inseridas no contexto escolar vivenciam. Durante o período da pandemia de covid-19 esta etapa de ensino foi especialmente afetada pela impossibilidade de crianças e professoras acederem às escolas. Por esse motivo, propõe-se como objetivo geral do presente trabalho identificar as dificuldades de aprendizagem e desafios pedagógicos enfrentados por professoras e estudantes, no primeiro ano letivo após a pandemia de covid-19.

De modo atender ao objetivo geral acima mencionado, tem-se por objetivos específicos caracterizar os níveis de aprendizagem do sistema de escrita alfabética, a partir da psicogênese da escrita; identificar as dificuldades nos processos de alfabetização e letramento vivenciadas por professoras e estudantes, no primeiro ano letivo após a pandemia de covid-19; distinguir dificuldades e distúrbios de aprendizagem no processo de alfabetização e letramento, apresentadas por estudantes, no primeiro ano letivo pós-pandemia e, por fim, identificar desafios de diferentes naturezas enfrentados por professoras do ciclo de alfabetização, no primeiro ano letivo pós-pandemia.

Justificativa

O interesse pelo tema sobre alfabetização e letramento começou ainda no início da graduação, assim como a curiosidade de entender os processos e suas particularidades para cada estudante.

Tal conteúdo perpassa a formação de professores de forma integral e, mesmo assim, no currículo acadêmico do Curso de Pedagogia da UFPE componentes curriculares que abordam a temática parecem ser insuficientes. Por isso, neste trabalho, aborda-se a questão, de modo a contribuir para que docentes em formação, como a autora deste estudo, se apropriem, conheçam, aprendam e reflitam sobre os processos de alfabetização e letramento e sobre os desafios de natureza pedagógica, que muito possivelmente irão encontrar no exercício da profissão docente. Dessa forma, pretende-se colaborar com a formação e com a própria prática docente.

Portanto, o presente trabalho busca possibilitar informações pertinentes e atuais, mais especificamente sobre os processos de alfabetização e letramento, após o período pandêmico, principalmente no que se refere às demandas geradas pela pandemia. Propondo uma reflexão quanto às consequências e aos desafios, em um cenário pós-pandêmico, de modo a conscientizar a população em geral sobre a importância do trabalho docente e dos processos de alfabetização e escolarização na vida dos indivíduos, sejam os que ainda permanecem na escola ou os que já passaram por esse processo.

Assim, pretende-se trazer uma pequena amostra de como as crianças e as professoras estão vivenciando os impactos causados pela pandemia na etapa de alfabetização, visto que já foram experimentados os primeiros anos letivos e a retomada das aulas presenciais. Conforme anteriormente explicitado, pretende-se observar e analisar os processos de alfabetização, quais as dificuldades apresentadas pelos alunos e enfrentadas por professoras, mais especificamente a partir do olhar pedagógico de professoras alfabetizadoras e do ensino fundamental I.

Sabemos que a apropriação do sistema de escrita alfabético envolve diversas fases que começam ainda na educação infantil e tem seu o ápice de desenvolvimento nos anos iniciais da alfabetização, se consolidando nos anos finais. Entendemos que professoras e professores são os primeiros a validar os processos de aprendizagem e a perceberem se os alunos apresentam alguma dificuldade. Entendemos que a alfabetização, como um processo complexo e multifacetado de apropriação da fala e da escrita, também é um processo sociocultural na formação da criança. É extremamente importante que esta base esteja muito bem estabelecida e consolidada. Portanto, o objetivo do presente trabalho presume identificar os desafios vivenciados durante a etapa de alfabetização e letramento de crianças, após a retomada do ano letivo no formato presencial, entendendo que a pandemia causou uma longa e significativa interrupção nas atividades escolares e, conseqüentemente, na própria aprendizagem.

Fundamentação teórica

Alfabetização e letramento: leitura e escrita como práticas sociais

É muito importante entender os contextos históricos que permeiam a escrita e a alfabetização. Em todas as sociedades o sistema de escrita serviu para suprir as demandas sociais, culturais e econômicas e como forma de organização da sociedade e suas relações. No Brasil entendemos, com as eras que perpassam a história desde a sua colonização, que o domínio da escrita e a alfabetização da população sempre foi atravessada por questões econômicas, produtivas e de estratificação das classes sociais. Mesmo assim, se viu a necessidade de investir em educação e na alfabetização das pessoas, como instrumento econômico de formação de mão de obra e força para o mercado de trabalho.

Porém, estudos das últimas décadas do século XX, acerca da alfabetização e de métodos pedagógicos, começam a questionar essas concepções e voltam o olhar para a formação do indivíduo na sua totalidade, entendendo que é preciso levar em consideração os processos de alfabetização, os métodos, a prática pedagógica, o contexto social e cultural em que se está inserido, além dos aspectos ambientais e psicológicos.

Na discussão acerca da alfabetização é necessário entender que alfabetizar e letrar faz parte de um processo que engloba não só a sala de aula, mas a escola, a família e a sociedade. Nesse sentido, Soares (2020) coloca que o transcurso histórico da invenção da língua escrita veio para atender as demandas sociais. A autora retrata esse processo numa estrutura representada em camadas sobrepostas, arranjas assim:

- demandas culturais e sociais;
- invenção da escrita;
- uso da escrita.

A representação desse processo, nessa ordem, suporta as compreensões que englobam a alfabetização e o letramento propostas por Magda Soares (2003). A autora evidencia que é necessário que a criança se aproprie do sistema alfabético de escrita de forma plena e satisfatória e que o domine para além da mera repetição e sobreposição de letras e palavras, o que envolve tempo, dedicação e continuidade. Além disso, é preciso entender que há fatores interdependentes dos quais as crianças vão se apropriando, quando estão inseridas no contexto de escolarização. Isso supõe compreender alguns conceitos sobre o que é ser alfabetizado, partindo da perspectiva que apenas decodificar letras e números, ou ler e

escrever, não o torna alfabetizado. Ser alfabetizado é compreender o que se lê e ser capaz de escrever, produzir textos e de compreender e intervir no mundo ao seu redor, ou, como diria Paulo Freire, de ler o mundo.

Nesse sentido, Soares (2009) entende que é imprescindível para o indivíduo obter esse conhecimento e que isso reverbera no seu lugar na sociedade.

Quando o sujeito deixa de ser alfabetizado e passa a usar a leitura e escrita nas suas práticas sociais, adquire novos e diferentes status na sociedade, é levado a um estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico entre outros. (SOARES, 2009; p.89)

Concordando com o pensamento de Soares (2003), entende-se que é importante que as crianças em seu início do processo de escolarização se apropriem dos códigos linguísticos, para ampliação das suas conexões sociais e culturais, pluralizando as ideias, dando início a uma operação de pensar de forma crítica, expandindo os horizontes de leitura e interpretação. A alfabetização é responsável por trazer significado e sentido a inúmeras interpretações e possibilidades de o indivíduo vivenciar o mundo e suas experiências, é fundamental para que desenvolva habilidades sociais, culturais e individuais.

Apropriação do sistema alfabético de escrita

Quanto ao processo de alfabetização em si, de acordo com alguns estudiosos da área, consiste em algumas etapas evolutivas que expressam a compreensão sobre o sistema de escrita alfabética. Para Emília Ferreiro (1985), os estudantes devem alcançar todas essas etapas para concluir o processo de alfabetização. De acordo com a sua teoria relativa à psicogênese da língua escrita, a autora constata de forma detalhada que toda criança passa por quatro níveis de apropriação do sistema de escrita, até que esteja plenamente alfabetizada, são eles:

1. Pré-silábico: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada;
2. Silábico: interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma;
3. Silábico-alfabético: mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas;

4. Alfabético: domina o valor das letras e sílabas.

A partir das evidências apresentadas por Emília Ferreiro é possível entender e visualizar onde a criança se encontra dentro do processo de alfabetização, qual o nível ela precisa avançar ou em qual nível se estabeleceu. Partindo dessa perspectiva, a professora, quando tem essa referência, consegue evidenciar o ponto do processo em que o estudante se encontra e o guiar pedagogicamente para que avance no transcurso do domínio do sistema de escrita.

Concepções e Métodos de Alfabetização

As discussões sobre os *métodos* de alfabetização estão muito presentes na literatura, sendo uma temática recorrente na área. De uma maneira geral, podemos afirmar que há vários *métodos* que são evidenciados, quando falamos sobre alfabetizar no Brasil, entre eles os *métodos* analíticos, sintéticos e a composição de alfabetização e letramento, tendo por base a compreensão originalmente apresentada por Soares.

Historicamente no Brasil, sempre se buscou um “método” de alfabetizar as pessoas. Não se pode deixar de reconhecer esse momento histórico, em nosso país, em que se procurava uma solução para o problema do analfabetismo, solução essa muitas vezes ineficaz. Métodos que eram produzidos e reproduzidos para atenuar o problema de escolarização da população. Como afirma Leal (2022), a alfabetização tem passado, ao longo da história, por mudanças relativas tanto em relação às concepções sobre o que caracterizaria um indivíduo alfabetizado, quanto em relação às concepções acerca de quais são as melhores estratégias para alfabetizar as pessoas.

No intuito de obter resultados rápidos, algumas dessas práticas perduram até hoje. Entretanto, atualmente, sabe-se que alfabetizar é um processo que envolve tempo, prática e estudos. Para que o estudante se aproprie do sistema de escrita alfabética (SEA) é importante olhar não só para o estudante, mas para todo o contexto no qual ele está inserido. Inclusive, essa compreensão precisa ser desenvolvida ainda durante o processo formativo de professores, pedagogos e pedagogas, desconstruindo a ideia de que devem dominar um método infalível de alfabetizar, o que, sabemos muito bem, não é possível. Atualmente, entende-se que é

necessário levar em consideração os aspectos sociais, culturais, ambientais e psicológicos da criança para, assim, incluí-la no processo de alfabetização coerente com as suas particularidades.

No Brasil, as cartilhas foram identificadas como métodos tradicionais de alfabetização, que utilizavam estratégias sintéticas de soletração, silábicas e fônicas e, de acordo com as abordagens sintéticas, o foco na aprendizagem é naquilo que seus adeptos denominam de "código". Essas abordagens seguem uma perspectiva linear de ordem e etapas, primeiro as letras, depois os fonemas e as sílabas, estabelecendo uma relação de seguimento, deixando de lado a abrangência dos textos escritos e das palavras, (LEAL, 2022). Esse método, sistematizado na repetição e ordenação das etapas, não consegue dar conta por inteiro dos processos de alfabetização, por isso outras concepções foram se constituindo ao longo dos anos, como por exemplo, os estudos sobre alfabetização e letramento. Com as reformas educacionais se evidenciou o método analítico que considerava "o todo" partindo da estrutura das palavras (palavração e sentença). Tal perspectiva defendia que deveria-se começar o processo de alfabetização pelas palavras e suas estruturas inteiras e depois fazer o seu desmembramento.

Após toda essa breve discussão a respeito dos métodos, concordamos com Soares (2003) quando afirma que não é possível separar os processos de alfabetização e letramento, que é preciso valorizar as práticas sociais e compreender esses fenômenos como necessários ao exercício de apropriação do sistema de escrita e das práticas pedagógicas de alfabetização e letramento.

Sobre dificuldades no processo de alfabetização

As dificuldades que podem interferir no processo de alfabetização podem ser muitas e de diferentes natureza ou origem. Para mapeá-las, minimamente, gostaria de elencar algumas e discorrer sobre elas.

Essas dificuldades ocorrem nos âmbitos mais diversos e podem derivar de aspectos externos ou internos da criança, podem ser de ordem social, cultural ou pedagógica. As dificuldades relacionadas a situações internas se caracterizam por serem de ordem cognitiva, psico-emocional, motivacional ou de relacionamento (TABILE e JACOMETO, 2017). Sabemos que as dificuldades de aprendizagem podem ser responsáveis por

problemas na escola, evasão escolar e rendimento, de modo que os estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem (DA) podem apresentar dificuldades de relacionamento, escrita e fala, que podem se prolongar ao longo da vida.

Fonseca (2007) descreve duas orientações interessantes a respeito das dificuldades de aprendizagem e como podemos distingui-las. O autor separa as dificuldades em dois eixos: simbólico ou verbal, não simbólico ou não verbal.

- **simbólico ou verbal:** como aprender a ler, a escrever e a contar (índole escolar).

- **Não simbólico ou não verbal:** como aprender a orientar-se no espaço, a andar de bicicleta, a desenhar, a pintar, a interagir socialmente com os seus pares, etc (de índole psicossocial e/ou psicomotora).

É interessante atentar para essas diferenças, para melhor compreender as dificuldades e suas origens e ordens.

Social

O contexto social no qual a criança está inserida é extremamente importante. A começar pela conjuntura familiar e sua relação com pais e familiares, que exercem grande influência no comportamento, desenvolvimento e condutas que a criança apresenta em outros ambientes, fora de casa ou da convivência familiar. É ainda com os genitores ou com a família nuclear que antes de ser introduzida no processo de escolarização a criança recebe os primeiros estímulos e é levada às primeiras adaptações, seja no seu desenvolvimento, seja no seu comportamento. A criança aprende fora da escola e vivencia experiências de aprendizado que se somam e formam sua bagagem cultural e social, que transporta também para o ambiente escolar.

A teoria sócio-histórica de Vygotsky evidencia que o desenvolvimento humano se dá a partir das constantes relações sociais nas quais o indivíduo emerge e se envolve. É essencial que a criança desenvolva relações sociais para que tenha um desenvolvimento pleno de outras funções sociais, de interação, recepção e aprendizado e essas relações começam na primeira infância com a conjuntura familiar.

Pedagógicas

No campo pedagógico as dificuldades de aprendizagem são comuns, seja na aquisição da leitura e da escrita, no raciocínio lógico-matemático ou em outras áreas do conhecimento. Crianças que em suas avaliações e no processo de alfabetização não conseguem assimilar o conteúdo ou consolidar os níveis de escrita e leitura, não conseguem obter êxito. Segundo Piaget, o desenvolvimento e a construção do conhecimento é um processo caracterizado pela equilíbrio. Esse processo de equilíbrio corresponde aos resultados da interação do sujeito, através das trocas realizadas com o meio, e como esse sujeito se acomoda e se adapta a tudo isso

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilíbrios. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico; como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. (PIAGET, 1974, P.13)

É interessante nos apropriarmos desse conceito, que explica o desenvolvimento a partir da acomodação e assimilação das trocas realizadas com o meio, para entender que a criança, quando chega ao período de escolarização, amplia seu processo de equilíbrio que passa a contar agora com os estímulos escolares relacionados aos conhecimentos formais. Nesse decurso, e a partir das exigências e necessidades inerentes ao processo de aprendizagem formal, podem surgir algumas dificuldades que se apresentam da seguinte forma: dificuldades em acompanhar o grupo, alguns défices de atenção ou desenvolvimento, dificuldades de apropriação da escrita (SEA), hiperatividade e dificuldades de concentração, ausência do sentimento de pertencimento. Tais dificuldades implicam diretamente em dificuldades pedagógicas, que geralmente são percebidas pelas professoras em sala de aula.

Psicoemocionais

Partindo para as dificuldades dos âmbitos psicoemocionais, motivacionais ou de relacionamento, essas condições colocam as crianças em estado de vulnerabilidade em sua trajetória escolar, pois podem ocasionar vergonha, timidez, desprezo pela educação ou ato de aprender. É importante que as professoras estejam atentas a mudanças no comportamento individual dos alunos, principalmente quando demonstram

mudanças bruscas ou atípicas no seu comportamento individual ou em grupo, para intervir da melhor forma. Trabalhando essas dificuldades e atenuando os danos na aprendizagem dos educandos.

Um fator muito importante na discussão desse tema diz respeito à diferença entre as dificuldades de aprendizagem e os distúrbios de aprendizagem. Os distúrbios são caracterizados por disfunções neurais de origem patológicas, as dificuldades são de ordem familiar, social, cultural, pedagógica, emocional e relacional (FRANCESCA *et al.*, 2012, p. 121.). Por isso, as dificuldades de aprendizado devem ser sempre vistas por essa ótica e remeter as interações da criança com os contextos familiar, social e escolar e conseqüentemente, com as práticas pedagógicas vivenciadas no contexto escolar.

Pandemia e os impactos na educação

O Ministério da Educação (MEC) divulgou um levantamento, em maio de 2023, que apontou que 56,4% das crianças terminaram o 2º ano do ensino fundamental em 2021 não alfabetizadas. A quantidade é maior do que no ano anterior, (2020) quando 39,7% dos estudantes concluíram o período sem condições básicas de leitura e escrita. Esses dados são importantes para que possamos compreender como está o cenário atual do Brasil, no âmbito da alfabetização escolar, sobretudo no período pós pandemia.

Além dos dados gerais apresentados acima, podemos pensar sobre esses índices também a partir de uma perspectiva que considera as desigualdades sociais existentes no Brasil, como um fator que tem impacto importante na trajetória escolar de crianças e jovens. Magda Soares (2003), por exemplo, propõe uma reflexão sobre o contexto social das crianças oriundas de famílias mais abastadas e das crianças de camadas populares. A autora entende que estudantes de classes sociais diferentes atribuem valor e função diferentes para a escrita e que é necessário considerar os contextos socioeconômicos, pois impactam diretamente no processos de ensino e de aprendizagem, no desenvolvimento dos estudantes e no ato de aprender, nas concepções pedagógicas, bem como na formação dos professores.

Soares (2003) menciona, ainda, os aspectos funcionais e estruturais sobre a alfabetização e o uso social que é dado à "função da língua escrita".

O papel que a escrita desempenha na sociedade coloca as pessoas em situações diferentes, com papéis diferentes, dependendo do uso que cada um faz da escrita, ou seja, o seu uso social. Então, podemos estabelecer uma relação direta da condição socioeconômica com o processo de alfabetização e os diferentes níveis e uso da função social da língua escrita.

Outro aspecto que costuma ter implicações importantes no desempenho escolar diz respeito às relações sociais vivenciadas pelas crianças em seu círculo social primário. Quando essas relações não são adequadas podem surgir desadaptações no comportamento infantil e esse comportamento pode se estender para a vida escolar, uma vez que na escola começará a se relacionar com outras crianças e com outras pessoas adultas, que antes não faziam parte do seu círculo de interação social.

Além dos aspectos acima mencionados, é preciso ressaltar que o distanciamento físico da escola, provocado pelas medidas de segurança durante a pandemia de covid-19, também influenciou de forma importante no processo de adaptação escolar e, como consequência, na aprendizagem das crianças. Então, além dos contextos sociais e econômicos serem fontes de algumas das diferenças encontradas nos diferentes cenários relativos aos processos de ensino e de aprendizagem, faz-se necessário considerar fatores tais como o distanciamento social, bem como a mudança dos espaços físicos de aprendizagem que foram alterados, migrando do ambiente escolar para o ambiente familiar, no período da pandemia. Tal mudança trouxe barreiras no processo de aprendizagem e escolarização evidenciadas a posteriori, a partir de estudos e levantamentos realizados.

Sobre os impactos e os esforços por parte do Estado para diminuir tais impactos, podemos mencionar o programa *Busca ativa escolar em crises e emergências*, desenvolvido pela UNICEF em parceria com governos e municípios, que supõe o uso de recursos e estratégias para reintegrar as crianças e os adolescentes nas escolas, em situações de calamidade pública e emergências, tais como pandemias – a exemplo da causada pela covid-19. Considerando que a condição de vulnerabilidade socioeconômica de muitas famílias pode ser ainda mais agravada nessas situações, levando a um aumento da evasão escolar. Portanto, a necessidade de criar-se uma rede de proteção social para que todas as crianças e jovens tenham seus direitos garantidos.

Considerando as questões acima mencionadas e suas relações com os impactos da pandemia na educação, dados produzidos pelo Censo Escolar da Educação Básica 2022, divulgado pelo ¹O Ministério da Educação (MEC) em 8 de fevereiro de 2023, mostrou um aumento no número de matrículas de educação básica na rede privada após a pandemia. Por outro lado, na rede pública, os números não tiveram muita variação.

Atualmente, podemos reportar algumas mudanças positivas nesses dados. No ano de 2022, foram registradas, no total, 47,4 milhões de matrículas nas 178,3 mil escolas de educação básica no Brasil - 714 mil matrículas a mais em comparação com 2021, o que representa um aumento de 1,5% no período. A rede privada expandiu 10,6% de 2021 a 2022, se aproximando de patamares pré-pandemia de 2019. Quanto ao ensino fundamental anos iniciais, de acordo com este mesmo senso, foram 14.553.030 matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental (redes federal, estadual, municipal e privada). Dessas, mais de 10 milhões apenas nas redes municipais. Esses dados nos dão uma perspectiva sobre a retomada das aulas presenciais no Brasil e o aumento do número de matrículas que foram realizadas, o que configura, gradativamente, um cenário positivo com o retorno das crianças às salas de aula.

Metodologia

Para realizar o presente estudo utilizou-se a metodologia qualitativa de natureza descritiva, tendo como instrumentos de coleta de dados um questionário online desenvolvido para o público alvo da pesquisa, professores e professoras alfabetizadoras. Como já mencionado, o objetivo do presente trabalho é trazer à tona os dados coletados, através do questionário com professores que estavam exercendo a docência no contexto acima mencionado, destacando os processos de alfabetização, dificuldades encontradas e estratégias para o enfrentamento das dificuldades.

De acordo com Minayo (2009), na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial. Segundo a autora:

¹ Os dados foram divulgados pelo MEC, coletados e analisados pelo INEP. Fonte: Elaborado pela Deed/Inep com base nos dados do Censo Escolar (Brasil. Inep, 2022c)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p. 21)

Partindo dessa reflexão queremos entender, interagir e partilhar as conjunturas e condições que se estabeleceram nos espaços escolares após a pandemia de covid-19, no que diz respeito às turmas de alfabetização, a partir das perspectivas das professoras.

Conforme já mencionado, a presente pesquisa aborda, mais especificamente, os desafios nos processos de alfabetização e letramento no primeiro ano letivo após a pandemia da covid-19. Com o objetivo de tomar conhecimento das situações vivenciadas nesse período, a partir das informações prestadas pelos próprios sujeitos da realidade, mais especificamente, as professoras alfabetizadoras.

O questionário virtual utilizado é composto por dezoito questões abertas e fechadas que têm como objetivo traçar o perfil de cada professora; compreender as concepções de alfabetização das participantes da pesquisa; identificar as dificuldades e os desafios dos processos de alfabetização e letramento no período pós pandemia, vivenciados por professoras e estudantes; bem como identificar as estratégias utilizadas pelas professoras para lidar com esses desafios e dificuldades. A opção por um questionário virtual deveu-se à discrepância entre os calendários escolares e o calendário acadêmico da UFPE, para o ano letivo de 2023, o que inviabilizou a realização de entrevistas e observação in loco. Dessa forma, as professoras que, voluntariamente, responderam ao questionário tiveram acesso ao mesmo por meio da divulgação de colegas e amigos, estudantes da graduação em Pedagogia do Centro de Educação da UFPE, com o envio do link através das plataformas digitais. Não houve escolha ou seleção prévia das participantes.

Quanto à análise dos resultados, segundo Minayo (2009), pode-se subdividi-lo em três tipos de procedimentos: a ordenação dos dados, a classificação dos dados e a análise propriamente dita. Tais procedimentos se dão com o objetivo de compreender, interpretar e articular os dados empíricos com a base teórica que fundamenta o trabalho.

Análise dos dados

O questionário objeto de coleta de dados usado nesta pesquisa foi desenvolvido e disponibilizado de forma virtual, visto que o período no qual a pesquisa foi realizada coincidia com o período das férias escolares e de férias para os professores. Por isso, com objetivo de facilitar a coleta de dados e permitir o acesso às professoras, o questionário ficou disponível de forma online no seguinte link: <https://forms.gle/c1CbCCQ5caAfmVjB7>. Com base nos dados obtidos através do questionário serão apresentadas abaixo as informações relevantes que respondem a questão central da pesquisa, que é identificar e discutir acerca dos desafios e dificuldades enfrentados por professoras e estudantes no processo de alfabetização e letramento no período pós pandemia, a partir das percepções das professoras.

O questionário foi estruturado em dezoito questões que foram distribuídas em 5 questões de múltipla escolha e 13 questões abertas. Ao todo, responderam ao questionário seis professoras, portanto as participantes da pesquisa atenderam ao público 100% feminino.

1. Quadro de apresentação dos sujeitos da pesquisa:

Sujeitos	Turnos trabalhados	Tempo de atuação em sala de aula	Tempo como professora alfabetizadora	Rede que leciona
Amélia	dois turnos	1 a 3 anos	2 anos	Rede privada
Bárbara	dois turnos	1 ano	6 meses	Rede privada
Cecília	um turno	5 a 10 anos	1 ano	Rede privada
Débora	dois turnos	mais de 10 anos	3 anos	Rede privada
Emília	um turno	mais de 10 anos	mais de 10 anos	Rede pública
Flávia	dois turnos	mais de 10 anos	13 anos	Rede pública

Ao traçar um breve perfil das participantes, percebemos que entre as professoras, quatro (66,7%) lecionam em rede privada e as outras duas (33,3%) em rede pública. As professoras têm experiência em sala de aula

num período de tempo que varia entre 1 ano a 10 anos. Amélia e Bárbara são as com menos tempo de docência, (de 1 a 3 anos), em relação às outras quatro professoras que já estão há mais de 5 anos, porém apenas a professora Emília, (16%) atuou como professora alfabetizadora durante a pandemia de covid19. As seis professoras participantes da pesquisa identificadas aqui por nomes fictícios Amélia, Bárbara, Cecília, Débora, Emília e Flávia, revelaram suas concepções a respeito do que é alfabetização e letramento e falam sobre os desafios e as dificuldades que enfrentam na sala de aula. É importante ressaltar que não há intenção de comparar os dados nivelando as escolas de rede pública ou de rede privada, apenas de identificar quais as dificuldades e os desafios que cada uma vem enfrentando.

Concepções de alfabetização e letramento

A partir da revisão teórica apresentada no presente trabalho, entende-se que sujeito alfabetizado é aquele que consegue dar conta do que foi lido com compreensão e interpretação, que consegue escrever textos, dar sentido às frases e inserir-se socialmente com sua própria visão de mundo e vivências, estruturadas a partir de sua compreensão e sua universalidade enquanto sujeito no mundo.

2. Quadro com as respostas sobre as concepções de alfabetização:

Amélia	Compreendo a alfabetização como processo de aquisição dos esquemas mentais que possibilitam a leitura e a escrita.
Cecília	Quando o aluno ler e interpreta o que foi lido.
Débora	Alfabetização é o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira humana.
Emília	Um processo de conhecimento e construção de um ser.
Flávia	A criança e o adulto devem compreender o que leram. A alfabetização é o ato de liberdade na leitura e na escrita.
Bárbara	não conseguimos coletar a resposta da

professora Bárbara sobre suas concepções a respeito da alfabetização.
--

No quadro acima observam-se as diferentes compreensões que as professoras entrevistadas têm sobre alfabetização que, de uma maneira geral, são complementares umas às outras. Desde um entendimento de alfabetização como resultado de processos de esquemas mentais, como domínio da leitura e da interpretação, como compreensão que favorece a liberdade de escolhas ou ainda como prática que humaniza e potencializa a construção do ser. Alguns dos autores mencionados na fundamentação teórica nos ajudam a compreender as diferentes ideias apresentadas por essas docentes.

Por exemplo, quando perguntada sobre o que entende como alfabetização e letramento, a professora Amélia respondeu: *“Compreendo a alfabetização como o processo de aquisição dos esquemas mentais que possibilitam a leitura e a escrita”*. Dentre os autores mencionados neste estudo, alguns deles possibilitam compreender a alfabetização como processo de aquisição que implica diferentes esquemas mentais. Piaget (1970), por exemplo, em sua teoria psicogenética, revela que o desenvolvimento acontece a partir de estruturas mentais e cognitivas, pelas quais o indivíduo se adapta e organiza o meio em que vive. Esse processo regulador, denominado equilíbrio, supõe que cada nova experiência vivenciada seja incorporada a estruturas mentais já existentes, através dos processos de assimilação e acomodação. Pode-se entender, portanto, que essa compreensão fundamenta a concepção apresentada pela professora Amélia, de alfabetização como processo de aquisição de esquemas mentais.

A professora Emília, por sua vez, demonstra entender a alfabetização de uma forma mais ampla, como: *“Um processo de conhecimento e construção de um ser.”* Essa afirmação se aproxima da ideia de Magda Soares (2020) que compreende a alfabetização como um processo que demanda tempo, dedicação e envolve a formação do indivíduo na sua totalidade. De acordo com a autora, quando a pessoa passa a usar a leitura e escrita em suas condutas sociais, adquire novos e diferentes status na sociedade, sejam eles sociais, culturais, cognitivos, linguísticos, etc. Outra concepção bastante relevante para nosso estudo é a que a professora Flávia traz em sua resposta, pensando não só na criança em fase de alfabetização, mas

também no sujeito adulto que deve compreender e se apropriar do sistema de escrita alfabética. Ela entende que ao dominar adequadamente esse sistema, o sujeito se coloca no lugar onde é livre para ser e para ler o mundo.

Entre outros autores mencionados anteriormente, Emília Ferreiro faz menção ao processo de alfabetização como indissociável das práticas sociais. A partir dessa perspectiva pode-se compreender que tanto a criança em fase de alfabetização, como o adulto que já vivenciou, ou ainda está vivenciando esse momento, tem o direito a que sua história, sua trajetória, seu contexto social, seus valores culturais sejam observados e reconhecidos no processo de alfabetização, possibilitando ao mesmo a oportunidade de desenvolver práticas de leitura e escrita e perceber-se enquanto sujeito no mundo.

Experiência como alfabetizadora durante a pandemia

Em um recente estudo, Suhr e Campos (2023) buscaram mapear, através das produções acadêmicas, as condições de alfabetização e letramento no período da pandemia. O estudo demonstrou algumas das dificuldades enfrentadas, as quais coincidem com algumas dificuldades relatadas pelas professoras que participaram do presente trabalho. Como, por exemplo, a desigualdade social, o baixo nível de escolaridade das famílias e a mudança de locus da escola para o ambiente familiar.

Embora esta pesquisa não tenha como objetivo o período pandêmico, entende-se que é importante observar o contexto anterior para compreender os aspectos que permeiam as situações do presente, bem como compreender de que forma seus impactos ainda se apresentam na dinâmica da escola e no dia a dia da prática docente.

Desse modo, quando perguntada sobre como foi sua experiência como alfabetizadora e sua atuação em sala de aula durante a pandemia, a professora Débora apontou que os principais desafios que a pandemia trouxe aos professores foi o distanciamento da sala de aula em seu formato físico. Além disso, a professora também aponta como dificuldades a necessidade de maior comprometimento na comunicação professor-aluno e escola-família. Outro fator que a professora Débora ressalta diz respeito à discrepante diferença do nível econômico dos alunos. Mesmo tratando-se de

uma professora que atua na rede privada, ela reporta diferenças no nível socioeconômico entre as crianças de sua turma. Embora todas integrem o mesmo ambiente escolar, algumas crianças não têm acesso às mesmas tecnologias, nem aos mesmos recursos financeiros em suas famílias.

As respostas desta professora reforçam que as dificuldades no processo de alfabetização também podem decorrer de fatores sociais. Tais fatores parecem ter sido ainda mais evidenciados durante e a partir da pandemia, de modo que, mesmo agora, com a retomada do ensino presencial, ainda se percebe seus impactos e suas consequências. A professora Emília, por sua vez, declara que a experiência como alfabetizadora naquele período *foi muito difícil, mas possível com a participação das famílias*. As demais professoras não se encontravam em sala de aula no período da pandemia.

Dos desafios enfrentados

Quando perguntadas sobre os desafios enfrentados após o período de pandemia, a maioria das professoras alfabetizadoras elencaram como os principais desafios a falta de comprometimento e apoio da família no processo de alfabetização das crianças, falta de interesse e curiosidade pela leitura, uso excessivo de tecnologias atreladas à tela e a grande dificuldade de compreensão do SEA por parte das crianças.

Podemos perceber na fala das professoras um fator que todas destacam como um dos principais desafios, a questão da falta de estímulos recebidos em casa. Seja na leitura, na devolutiva das atividades ou até mesmo no interesse em acompanhar a rotina de aprendizado das crianças. Esse fator esbarra em duas condições já apontadas anteriormente. A primeira delas diz respeito ao envolvimento das famílias no processo escolar dos filhos. Com a migração das aulas para o ambiente familiar, a perspectiva é outra e a mudança na rotina é inevitável. A segunda condição diz respeito à falta de motivação das crianças em continuar fazendo as atividades. A professora Bárbara menciona o esforço para remediar ou para atenuar a lacuna percebida por ela, no aprendizado das crianças alfabetizadas durante a pandemia, que hoje se encontram no 3º ano dos anos iniciais. A fala de Bárbara demonstra a dificuldade que as professoras alfabetizadoras têm enfrentado ainda hoje, com relação à apropriação do sistema de escrita alfabética, por parte das crianças em processo de alfabetização e

letramento. Segundo ela, este processo foi afetado principalmente pelo modelo de aula adotado durante o período pandêmico.

É de extrema importância, portanto, entendermos as dificuldades enfrentadas para compreender as estratégias adotadas em sala de aula pelas professoras, no intuito de diminuir os impasses e restabelecer o processo de alfabetização das crianças.

Das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização e letramento.

Outro desafio enfrentado pelas professoras é o atraso relativo aos níveis alfabéticos de escrita, esse tem sido o grande e principal desafio das professoras dos anos iniciais. Lidar com a diferença das crianças em seus níveis alfabético e ortográfico.

Das seis professoras entrevistadas, quando perguntadas sobre quais as dificuldades encontradas no processo de alfabetização, cinco pontuaram dificuldade de reconhecer letras e números e falta de letramento. Suas respostas denotam que algumas crianças chegaram nos anos iniciais em níveis pré-silábicos. O que se espera é que crianças que chegam aos anos iniciais estejam com o nível silábico estruturado, fazendo correlações entre os níveis silábico, silábico alfabético e alfabético, o que parece não estar ocorrendo, de acordo com o relato das professoras participantes. Sendo assim, identificamos que as dificuldades de aprendizagem relatadas por esses docentes, são prioritariamente, referentes à alfabetização, leitura autónoma e apropriação da escrita.

Entretanto, as informações descritas acima nos encorajam a fazer uma pequena observação e retomar a discussão proposta anteriormente por Fonseca (2007), quando traz as dificuldades de aprendizagem classificadas como verbais e não verbais. A partir das respostas das docentes identificamos que embora a menção a dificuldades de aprendizagem verbais, isto é, aquelas que se configuram dificuldades na leitura e na escrita sejam mais recorrentes, também estão presentes nas falas das professoras dificuldades que podem ser classificadas como não verbais, como, por exemplo, as de cunho social.

Além disso, é importante destacar que distúrbios de aprendizagem, ou seja, aqueles de ordem neurais ou patológicas não foram mencionados

pelas professoras. Com isso, constatamos no presente estudo, as dificuldades relatadas pelas docentes apenas como dificuldades de aprendizagem, que comprovadamente interferem na aquisição dos saberes referente ao SEA e a alfabetização.

Quando questionadas sobre como estão lidando com essas dificuldades, a Professora Amélia respondeu que tenta fazer um acompanhamento individualizado com seus alunos, revendo com as crianças várias vezes as atividades, para ajudar na fixação dos conteúdos e sanar as dificuldades de aprendizagem. Mas, ainda assim, percebe a discrepância entre o nível dos alunos que tiveram maior acompanhamento e apoio das famílias, durante os processos de alfabetização ocorridos no período da pandemia, em relação aos alunos que não tiveram o mesmo apoio familiar e pedagógico.

A professora Bárbara, por sua vez, apresenta uma metodologia diferente incluindo jogos, dinâmicas e brincadeiras no seu planejamento, com o objetivo de envolver e demonstrar para as crianças a importância do SEA, tentando envolver todas as crianças da sua sala de aula, já que tem dificuldade de fazer o acompanhamento individualizado. As outras professoras declaram que têm trabalhado dando prioridade ao acompanhamento individualizado do aluno, como forma de atenuar as dificuldades.

Dos avanços percebidos no ano letivo de 2022

Mesmo com todas as dificuldades apresentadas, também são notados avanços no aprendizado e nos processos de ensino e aprendizagem. De acordo com as professoras podemos destacar avanços significativos nas interações sociais e relacionais dos alunos com a volta do modelo presencial das aulas. Retomando a teoria de Vygotsky as relações sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento humano, é justamente nas relações sociais e a partir delas que, segundo Vygotsky, o ser humano emerge e se configura. Por isso, entende-se o quão importante é perceber que essas trocas inter-relacionais estão se estabelecendo no ambiente escolar de forma presencial, novamente, favorecendo e enriquecendo o processo de desenvolvimento social, afetivo, emocional, cognitivo, de estudantes, sejam eles crianças, jovens ou adultos.

Alguns dos avanços percebidos e relatados pelas professoras entrevistadas dizem respeito ao reconhecimento fonológico e às hipóteses silábicas. A partir da retomada da atividade presencial, as adequações feitas em sala de aula permitem que as crianças prestem mais atenção nos conteúdos ministrados nas aulas. Por isso, “*alguns alunos se destacam em relação à escrita e leitura.*” aponta a professora Débora. Outros começam a responder às atividades sozinhos, o interesse pela leitura é alimentado dentro do próprio ambiente escolar, o contato com os livros é muito maior e a professora consegue possibilitar o acesso ao material, quando o estudante está em sala de aula, em contraste com o ambiente familiar.

A importância do apoio familiar

Um fator de grande relevância apontado por todas as professoras em vários momentos do questionário diz respeito à importância da participação da família no processo de ensino e aprendizagem das crianças. Desde o momento que ingressa na escola esse acompanhamento precisa ser efetivo e contínuo. Perguntamos às professoras sobre como se dá a participação das famílias no processo de alfabetização e se há diferença no desempenho das crianças em função do apoio recebido. Todas as professoras concordam com a ideia de que a participação da família é fundamental para o desenvolvimento das crianças. A família é o principal incentivador no avanço da aprendizagem, de acordo com a professora Bárbara, que afirma ter alunos cujas famílias participam do seu processo de alfabetização e alunos cujas famílias são mais ausentes nesse processo, a diferença no rendimento dessas crianças é notório, segundo a docente. Há diferenças entre elas, nas produções textuais, escrita e leitura, afirma ela.

“Eu tenho estudantes que estão avançadíssimos, que escrevem textos ótimos e possuem uma ótima leitura para a idade/série e crianças extremamente dependentes e com grande defasagem.”

Professora Bárbara

É importante compreender que a participação da família faz diferença em qualquer cenário, seja ele pandêmico ou não. Entretanto, ao testemunhar o momento em que as crianças se encontravam, passando pelo processo de alfabetização em casa, em situação de isolamento social junto

com seus familiares, percebe-se a dimensão da responsabilidade destinada às famílias. Famílias essas que também estavam vivendo incertezas, ansiedades e inquietações e sobrecarregadas de obrigações e tarefas de diferentes naturezas. Muitas delas com dificuldades ocasionadas por falta de tempo, falta de recursos, preocupações com a própria sobrevivência, dificuldades de ordem financeira, emocional e social. Tais fatores impactam diretamente no tempo dedicado ao acompanhamento escolar e rendimento dos filhos. Infelizmente, a pandemia encapsulou as famílias em bolhas com diversos obstáculos que dificultaram a administração de todas essas adversidades. O distanciamento da sala de aula e, conseqüentemente, dos professores, apesar dos esforços desprendidos por familiares para suprir essa lacuna, trouxe resultados muitas vezes desfavoráveis ao processo de alfabetização e letramento das crianças.

Tudo isso nos traz a refletir sobre um aspecto muito importante relacionado à prática docente e ao ofício de professor ou professora. Não se trata de uma vocação ou uma missão de vida. Ao invés disso, implica dedicação ao estudo, formação continuada e uma formação específica e especializada. Sem essa formação qualquer pessoa não conseguiria ocupar o lugar do professor ou da professora com êxito.

Além disso, é importante destacar que, com a retomada das aulas presenciais, as professoras percebem o distanciamento das famílias em relação ao acompanhamento escolar. Como foi exposto em outro momento pela professora Flávia, a família se torna também responsável pelo processo de alfabetização da criança, fazendo com que esse processo se desenrole mais rapidamente, pois há acolhimento, acompanhamento, atenção e dedicação de tempo às atividades propostas, possibilitando uma relação escola e família mais sólida e bem sucedida.

Considerações finais

Entre as respostas possíveis ao final deste estudo, encontramos dificuldades de aprendizagem que permeiam os próprios processos de alfabetização e letramento, sendo agravadas pelo contexto social após a pandemia de covid-19. O presente estudo possibilita perceber que as dificuldades de ordem pedagógicas e sociais, vivenciadas atualmente em turmas do ciclo de alfabetização, foram intensificadas e aprofundadas pela

pandemia e pelo afastamento das salas de aula. Além disso, as estratégias utilizadas pelas professoras para superar os desafios e dificuldades têm sido as mais diversas possíveis, contando com a percepção e a leitura de cada uma sobre os seus alunos, nos próprios contextos em que estão inseridas, principalmente a partir da priorização do acompanhamento individualizado e do uso de estratégias lúdicas.

Pelos motivos acima expostos, propõe-se como ponto de partida, compreendermos os processos de alfabetização e letramento, como processos múltiplos, multifacetados e que são diferentes para cada estudante. Esses processos não dependem unicamente do aluno, mas de todos que fazem parte do seu contexto social e escolar. Percebe-se, a partir dos resultados do presente estudo e de outros estudos aqui expostos, que a aprendizagem é impactada por qualquer mudança de rotina, por dificuldades familiares e emocionais, por contextos sociais e estruturantes. Portanto, é preciso que se garanta não apenas o acesso à educação, mas toda uma estrutura, social, política, econômica, que permita que esse aluno chegue até a escola em plenas condições de aprender. É preciso pensar o acompanhamento familiar, os recursos tecnológicos, os materiais didáticos, a formação profissional, ou seja, todo o conjunto educativo.

Outro ponto importante a destacar diz respeito aos estágios para a apropriação do sistema de escrita alfabética, inerentes ao próprio processo de alfabetização em si, de acordo com Ferreiro (1985). No contexto atual, nas escolas em que trabalham as participantes deste estudo, percebe-se, através das respostas apresentadas por elas, que nem todos os estudantes conseguiram avançar em relação aos níveis de escrita, de modo que alguns permaneceram no nível pré silábico, durante o ciclo de alfabetização. Em contrapartida, as professoras perceberam rapidamente o déficit e têm trabalhado para atenuar o descompasso apresentado por esses estudantes. Além disso, no que se refere à discussão sobre dificuldades e distúrbios de aprendizagem, no presente estudo não foram relatados pelas professoras exemplos de distúrbios de aprendizagem, mas apenas dificuldades inerentes ao próprio processo de alfabetização e letramento.

Partindo das considerações acima, os desafios pedagógicos, enfrentados por professoras e estudantes, no primeiro ano letivo após a pandemia de covid-19, derivam das mais diversas situações à qual foram

expostos. Podemos mencionar, prioritariamente, o distanciamento social, a mudança do lugar de aprendizagem e o modelo de ensino remoto, que não conseguiu dar conta do processo de alfabetização e letramento, provando ser insuficiente para se estabelecer o aprendizado e manter uma linearidade com os conteúdos e a apropriação do saber. Dessa forma, as professoras participantes do presente estudo destacam que, atualmente, o desafio maior é avançar no ciclo de alfabetização e ao mesmo tempo ter que voltar com os assuntos que já haviam sido ministrados anteriormente, dos quais os estudantes não conseguiram se apropriar.

Concluimos que a pandemia foi um fator importante e que contribuiu, excepcionalmente, para as inúmeras dificuldades de ensino e aprendizagem que hoje são enfrentadas. Após o primeiro ano letivo, no formato totalmente presencial de ensino, ainda estamos lidando com inúmeras adversidades educacionais, principalmente no que se refere ao ciclo de alfabetização e letramento.

Para finalizar, gostaria de compartilhar um incômodo que senti durante todo o processo de escrita e produção deste artigo no que diz respeito a valorização dos professores e professoras da educação básica no Brasil. Esses profissionais tiveram que enfrentar o contexto de pandemia, que assolou o mundo, e agora são responsáveis por estruturar novamente os processos educativos relacionados à sua prática docente, bem como rever os processos de aprendizagem dos seus estudantes, sem medir esforços. Esse artigo não tem o objetivo de romantizar essa profissão, mas de trazer ao conhecimento e confrontar as estruturas que hoje sustentam a educação e o fazer docente, com a esperança de que se melhorem as condições de trabalho, que se construam políticas públicas de melhorias e atenção ao ciclo de alfabetização com o objetivo de fazer cumprir um direito de todo e qualquer cidadão, o de fazer sua própria leitura e interpretação do cenário social e cultural em que está inserido, transferindo valor a leitura e a escrita, ou o seu amplo direito de ler o mundo.

Referências bibliográficas

BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo; PAIM, Marilane Maria Wolff. *Alfabetização no Brasil: um pouco de história*. Fortaleza. Revista Educação em Debate, v. 39, n. 74, p. 51-67, jul.dez. 2017.

- DIAS, Fernanda. *O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem. Letrônica*. dez./2010. v. 3, n. 2, p. 107-119.
- DUARTE, Karina. ROSSI, Karla. *O processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro*. Ano VI, num.11, Janeiro de 2008.
- FRANCESCA Conte de Almeida, S.; De Marcos Rabelo, L.; SILVA Cabral, V.; R. De Oliveira Moura, E.; De Souza F. Barreto, M. Barbosa, H. *Concepções e Práticas de Psicólogos Escolares acerca das Dificuldades de Aprendizagem*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, [S. l.]*, v. 11, n. 2, p. 117–134, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17240>> . Acesso em: 8 mai de 2023.
- FERREIRO, Emília; Teberosk, Ana. *A Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.
- FONSECA, Vitor da. *Dificuldades de aprendizagem: na busca de alguns axiomas*. *Rev. psicopedagogia*, São Paulo , v. 24, n. 74, p. 135-148, 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200005&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 08 de abr de 2023.
- INOUE, Giovanna. *Mais da metade das crianças terminou o 2º ano do ensino fundamental não alfabetizadas*. *Cnn Brasil*. Brasília- DF. Maio/2023. disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/autor/giovanna-inoue/> acesso em: 07 de jun 2023.
- 1 LEAL, T. F., BRANDAO, A. C. *P.E por falar em leitura...* In: I Seminário Leitura, Escrita e Educação: perspectivas na Educação Básica, 2007, Rio de Janeiro. Anais do I Seminário Leitura, Escrita e Educação: perspectivas na Educação Básica. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. p.1 – 30.
- LEAL, Telma Ferraz. *Concepção de alfabetização em documentos curriculares: comparação Brasil Argentina*. Florianópolis. *Revista Linhas*. jan./abr. 2022. v.23,n.51,p.160-189.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F . *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. Petrópolis: rev. atual. Vozes, 2007. 108p.
- MORTATTI, M. R. L. *História dos métodos de Alfabetização no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2006.
- PIAGET, J. *Aprendizagem e Conhecimento*. In: PIAGET, J.; GRÉCO, P. *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974. [Apprentissage et Connaissance, 1959].
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: 14.ed.Vozes, 2002.
- SANTOS, L. C. DOS .; MARTURANO, E. M.. *Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 2, p. 377–394, 1999. disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200009>>. acesso em: 07 de jun 2023.
- SANTOS, Emily. *Censo Escolar 2022: matrículas na educação básica sobem na rede privada após a pandemia*. G1. São Paulo. 08/02/2023 10h31. disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/02/08/mec-censo-escolar-2022.g.html>

SOARES, Magda. *Língua escrita, sociedade e cultura*. 1995 Produção de texto no contexto da progressão dos gêneros textuais: proposições do livro didático.

SOARES, Magda. *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. 27 Letramento: um tema em três gêneros / Magda Soares. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Suhr, I e Campos, J. M. C. de. (2023). *Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: o que dizem as produções acadêmicas?*. *Revista Brasileira De Alfabetização*, (19), 1-15. disponível em:

<<https://doi.org/10.47249/rba2023632>> acesso em: 25 de ago 2023.

TABILE, Ariete Fröhlich; JACOMETO, Marisa Claudia Durante. *Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso*. São Paulo. *Rev. psicopedag.* v. 34, n. 103, p. 75-86, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008&lng=pt&nrm=iso> acesso em: 10 de abr de 2023.

UNICEF. *Busca Ativa escolar em crises e emergências*. disponível em: <<https://buscaativaescolar.org.br/criseseemergencias/>>. acesso em: 04 de out 2023.